

Tebet irá às ruas para apoiar Lula. Bolsonaro sobe o tom do discurso



Terceira colocada no pleito, senadora comemora a incorporação de suas sugestões ao programa de governo do petista e diz que ajudará no que for necessário. Ex-presidente deixa em aberto eventual cargo para a emedebista, se eleito

Tebet para Lula: "Total apoio à sua campanha"

VICTOR CORREIA

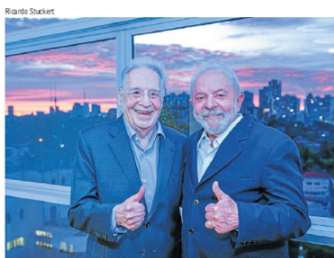
Terceira colocada nas eleições, a senadora Simone Tebet (MDB-MS) anunciou, ontem, "total apoio" ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que disputa o segundo turno com o presidente Jair Bolsonaro (PL). A parlamentar enfatizou que estará "onde a campanha precisar". As declarações foram dadas em reunião com o petista.

"Fica aqui o compromisso, não apenas do meu voto, mas do meu total apoio à sua campanha e ao seu governo", declarou Tebet, após a incorporação de todas as suas sugestões ao programa de governo do ex-presidente. Foi a primeira vez que os dois se encontraram publicamente, fora dos debates. Ambos negaram negociação de cargos em uma eventual gestão.

Na quarta-feira, ao declarar formalmente seu apoio a Lula no segundo turno, Tebet pediu a inclusão de medidas no programa de governo do petista: zerar filas na educação para crianças entre 3 e 5 anos, implantar um ensino médio técnico e pagar uma poupança de R\$ 5 mil para alunos que terminarem a educação básica; zerar filas de cirurgias, consultas e exames no Sistema Único de Saúde (SUS); resolver o endividamento das famílias, perdendo dívidas das mais pobres; sancionar uma lei que garanta salários iguais para homens e mulher com o mesmo cargo; e formar uma equipe plural de ministros, com homens, mulheres e negros.

"O presidente Lula acaba de receber e incorporar todas as sugestões que fizemos no nosso programa de governo ao seu programa de governo", anunciou a senadora na coletiva. "Este não era um encontro agendado pela história, mas, sem dúvida nenhuma, é exigido por ela. Temos diferenças políticas, econômicas, mas que são infinitamente menores do que o que nos une", acrescentou.

A emedebista ressaltou que o país precisa ser reconstruído, a partir de 2023, e atacou a gestão de Jair Bolsonaro, especialmente em relação à pandemia. "Quando



Lula visitou FHC e disse ter sido "um reencontro democrático"

(Lula) falou da insensibilidade do presidente da República, eu estava lá. Eu vi o presidente negar vacina, negar vida para milhares de brasileiros. Eu vi a tentativa

de um governo de, através da dor, tentar extrair vantagem ilícita em uma tentativa de esquema de corrupção de compra de vacinas superfaturadas", acusou

a senadora, que se projetou, justamente, durante a CPI da Covid, no ano passado.

Lula, por sua vez, elogiou a atuação de Tebet no período eleitoral. "Queria dizer sobre a grandeza da sua participação nas eleições. Não era previsível, na lógica dos estudiosos da política, que aparecesse uma mulher, lá do Mato Grosso do Sul, se colocando como candidata a presidente da República que tivesse a marca tão profunda da seriedade, da responsabilidade e do preparo que você teve", discursou.

O ex-presidente garantiu à senadora que suas sugestões serão colocadas em prática e que o coordenador do programa de governo, Aloizio Mercadante, avaliou o volume de propostas como "totalmente assinalável" ao documento construído pela coligação do petista. "Eu espero que você esteja junto para ajudar a executar

cada uma dessas coisas que propõe", acrescentou Lula.

Após os discursos iniciais, Lula e Tebet abriram espaço para perguntas dos jornalistas. Eles foram questionados sobre como será a participação da parlamentar na campanha até o dia 30, data do segundo turno. "Ela vai participar do jeito que ela quiser. Primeiro, uma parte da campanha será na televisão, e outra parte será na rua", respondeu o presidencial. Ele disse que pretende visitar Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e os estados onde ainda há disputa para o governo estadual.

Já Tebet afirmou que sua atuação na campanha começou ainda ontem, ao aparecer em uma propaganda eleitoral de Lula veiculada na tv e no rádio. "Eu vou estar onde a campanha precisar. (...) Eu vou estar nas ruas, nas praças, nos comícios. Estou especialmente nos parâmetros regionais, onde temos,



Quando (Lula) falou da insensibilidade do presidente da República, eu estava lá. Eu vi o presidente negar vacina, negar vida para milhares de brasileiros"

Simone Tebet (MDB-MS), senadora

obviamente, candidatos aos governos estaduais em comum", explicou a emedebista.

Já sobre eventual participação da emedebista em seu governo, caso eleito, Lula disse que isso será debatido após o pleito. "Eu primeiro preciso ganhar as eleições para depois discutir a composição do governo. Isso não é um negócio, isso é uma ação programática", frisou o petista, referindo-se ao encontro com Tebet. "Depois que a gente ganhar, a gente vai sentar à mesa e discutir como montar uma equipe para dar vazão aquilo que são as nossas propostas", acrescentou.

Fernando Henrique

Lula se encontrou, ontem, com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) na casa do tucano. A visita foi fechada. Nas redes sociais, o petista postou uma foto dos dois com a frase: "Um reencontro democrático com FHC".

Na quarta-feira, Fernando Henrique Cardoso anunciou apoio ao petista, também por meio das redes sociais. Ele publicou duas fotos em que aparece com o candidato ao Planalto e escreveu: "Neste segundo turno, voto por uma história de luta pela democracia e inclusão social. Voto em Luiz Inácio Lula da Silva".

Ex-presidente reitera ser contra aborto

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva decidiu, na segunda fase da corrida eleitoral, encerrar um dos temas mais polêmicos para sua campanha: o aborto. Na volta da propaganda eleitoral no rádio e na tv, a campanha veiculou uma peça publicitária na qual o candidato ao Planalto diz ser contra o procedimento. O vídeo, de 30 segundos, se encerra com a frase: "Lula é a favor da vida".

"Não só eu sou contra o aborto, como todas as mulheres com quem eu casei sou contra o aborto. E eu acho que quase todo mundo é contra o aborto. Não só porque nós somos defensores da vida, mas porque deve ser uma coisa muito desagradável e muito dolorida", diz o presidencial na gravação.

Na manhã de ontem, em entrevista coletiva, Lula foi questionado sobre o tema e reiterou ser contra

o procedimento, mas disse que a decisão tem de ser das mulheres. Destacou, ainda, que o assunto não é uma responsabilidade da Presidência da República.

"É uma resposta que já dei: sou contra o aborto. Sou pai de cinco filhos, avô de oito netos e bisavô de uma bisneta. A lei existe e a lei diz o que pode acontecer com o aborto", frisou, antes de participar de uma caminhada em Guarulhos (SP). "Quem tem de decidir sobre o aborto é quem está grávida, que é a mulher, que tem que ter mais poder de dizer se quer ou não quer. A lei existe. Isso não é o papel do presidente da República. É papel do Legislativo e, sobretudo, é um papel que cabe muito de a gente entender que a mulher tem superpoder sobre o seu corpo", acrescentou.

Após o primeiro turno, a campanha de Lula evitou entrar na

chamada "pauta de costumes", terreno dominado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), que tenta a reeleição. Sobre isso, o candidato respondeu que "quem tem história não precisa abordar a mesma coisa todo dia".

Carta a evangélicos

O petista tenta se aproximar do público evangélico em meio a acusações e notícias falsas disseminadas por bolsonaristas. Circulam nas redes notícias falsas de que o ex-presidente fecharia igrejas evangélicas, além de montagens que associam Lula ao satanismo. Por sua vez, apoiadores do petista rebatem na mesma moeda, associando Bolsonaro ao satanismo e à maçonaria, grupo místico pelos evangélicos.

A coordenação da campanha de Lula prepara para a

segunda-feira uma "carta aos evangélicos", com o objetivo de combater fake news, além de relembrar os feitos dos governos petistas em prol de féis, como a sanção da Lei de Liberdade Religiosa e a criação da Marcha para Jesus. A ideia é que o documento seja apresentado em um evento ainda a ser confirmado.

Na coletiva, Lula acusou Bolsonaro de estar "brigando com a Petrobras para que ela não aumente a gasolina até o dia 30 de outubro". "Ou seja, está usando a eleição para fazer tudo aquilo que ele deveria ter feito antes. O preço da gasolina não precisava ter chegado aí", criticou. "Como ele sabe que no meu tempo de presidente o barril de petróleo chegou a US 147 e a gasolina era R\$ 2,60, ele agora está tentando tirar proveito eleitoral."

Lula participou de uma caminhada pelas ruas de Guarulhos, que durou cerca de meia hora, ao lado do candidato ao governo paulista Fernando Haddad (PT) e de seu candidato a vice-presidente, Geraldo Alckmin (PSB).

O ex-presidente desfilou em um carro aberto e fez, assim como seus aliados, discursos no meio do caminho, exaltando candidatos locais e fazendo críticas a Bolsonaro.

O evento foi encerrado em um trio elétrico, em que Lula conclamou a apoiadores: "É preciso ficar muito atento às mentiras que vão chegar no zap. Não acreditar e não repassá-las. Quem tiver parente em outros estados, ligue para a pessoa. Este país não pode votar numa pessoa que não derramou uma lágrima pelas 680 mil pessoas que morreram de covid". (VC)



Isso não é o papel do presidente da República. É papel do Legislativo e, sobretudo, é um papel que cabe muito de a gente entender que a mulher tem supremacia sobre o seu corpo"

Luiz Inácio Lula da Silva, presidencial do PT



Bolsonaro recebe apoio do gestor de Maceió e diz que se reunirá com administradores de municípios mineiros e gaúchos. Presidente ressalta que esses políticos "têm condições de mudar e angariar" aval de eleitores. Moraes volta a ser alvo

Foco em prefeitos para virar votos

» INGRID SOARES

ESTÁDIO CONTEÍDO

Como parte da estratégia de usar palanques estaduais na campanha pela reeleição, em especial no Nordeste, o presidente Jair Bolsonaro (PL) recebeu o apoio do prefeito de Maceió, João Henrique Caldas (PL). JHC, como é conhecido, deixou o PSB e assinou, ontem, a filiação ao PL, mesmo partido do chefe do Executivo. Ele comandará o diretório do partido no estado.

Bolsonaro agradeceu o apoio e elogiou o desempenho de JHC. Ele destacou que, na próxima semana, deve se reunir com prefeitos de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul. "Um jovem prefeito tem uma alta aceitação na capital e é uma capital do Nordeste. Os prefeitos sabem, na ponta da linha, que são os que mais têm condições de mudar ou angariar votos por parte dos eleitores", destacou.

O chefe do Executivo enfatizou que tem fechado um grande ciclo de respaldo à reeleição e que seu governo não pode ser comparado aos do PT, sigla que teria deixado como legado "corrupção, desmando e desgaste dos valores familiares, de desrespeito, de ódio e ideologia de gênero".

O presidencial disse ter recebido "apoio velado" do ex-presidente Michel Temer (MDB). De acordo com o chefe do Executivo, o emedebista deu a entender que está ao seu lado, mesmo que não tenha explicitado.

Na quinta-feira, por meio de nota, Temer afirmou que, em resposta a uma série de pessoas próximas que o procuraram, aplaudirá "a candidatura que defender a democracia, cumprir rigorosamente a Constituição e promover a pacificação". Apesar da suposta neutralidade, o ex-presidente faz acenos a Bolsonaro ao dizer que também apoiará o candidato que mantiver as reformas realizadas no seu governo e que "propor ao Congresso Nacional as reformas que já estão na agenda do país".

No discurso, Bolsonaro repetiu críticas ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o chamou de pingüim. "Se vocês botarem um pingüim para dirigir o Brasil, um cara sem qualquer responsabilidade, que tem um rastro de corrupção, um rastro de deboche para com a família brasileira, de ataques a padres e pastores, de ataques às Forças Armadas, de ataques aos policiais, vocês acham que vai dar certo?", questionou.

Também com alvo no petista, acrescentou que "o povo está entendendo cada vez mais que é um presidente que fala duro, mas fala a verdade e muito melhor do que um mentiroso que



Bolsonaro com o prefeito de Maceió, João Henrique Caldas, no Palácio da Alvorada. Presidente diz ter recebido, também, apoio velado de Temer



O que o ex-presidente Lula fez pelo Nordeste? Eles ficaram aí 14 anos no poder, nem mesmo um auxílio aos mais necessitados ele conseguiu dar em um valor razoável"

Jair Bolsonaro, presidencial do PL

Suspeitas da PF

No fim de setembro, Alexandre de Moraes autorizou a Polícia Federal a quebrar o sigilo bancário e telefônico do ajudante de ordem da Presidência, Mauro Cesar Barbosa Cid. A corporação apontou suspeitas de que movimentações financeiras foram destinadas a pagar contas pessoais da família presidencial e de pessoas próximas da primeira-dama Michelle Bolsonaro — caso foi revelado pela Folha de S. Paulo.

usa palavras docês, que não chega a lugar nenhum".

Segundo ele, há mudanças que podem ocorrer para "pior" e exaltou ações na área econômica. "O Brasil está voando na economia. Desemprego lá para baixo, PIB (Produto Interno Bruto) lá em cima. O Brasil já voltou ao período melhor do que era pré-pandemia e, muitas vezes, a pessoa quer mudar. Cuidado que a mudança, às vezes, pode ser pior. Todas as mudanças

que a América do Sul fez piorou o respectivo estado, e sabemos que essas pessoas que pioraram com escolhas malfeitas, parece que querem repetir essa escolha no Brasil", ressaltou.

O presidente negou ter atacado nordestinos, quando, numa transmissão ao vivo nas redes sociais, creditou a vitória de Lula na região ao analfabetismo. Em propaganda política, Lula rebateu que "quem tiver uma gota de sangue nordestino não pode

votar nesse negacionista monstro que governa este país".

Em resposta, Bolsonaro questionou: "Está me acusando de que agora? De não gostar de nordestinos? Deve ser isso. Só mentiras. Ele (Lula) agora está usando: 'E o Bolsonaro está atacando os nordestinos como pessoas analfabetas'. Me apresente um vídeo atacando os nordestinos. Não tem. Mas eu tenho um vídeo dele atacando os paulistas com termos 'capitau', 'ignotante'. E acrescentou: "O que o ex-presidente Lula fez pelo Nordeste? Eles ficaram aí 14 anos no poder, nem mesmo um auxílio aos mais necessitados ele conseguiu dar em um valor razoável".

O chefe do Executivo reconheceu falar palavrões, mas frisou não ser "ladrão": "Se alguém tem raiva, rancor comigo, lamenta. Ah, o Bolsonaro fala palavrão". Falo, tenho tentado me policiar, mas de vez em quando, eu falo, mas não sou ladrão", disse.

Judiciário

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) e presidente do TSE, Alexandre de Moraes, também entrou na mira de Bolsonaro. Ele criticou o magistrado por ter quebrado o sigilo bancário do seu ajudante de ordens, o tenente-coronel Mauro Cesar Barbosa Cid

"O tempo todo usando a caneta para fazer maldade, tentar me tirar de combate, para desgastar. Já desafiei o Alexandre de Moraes, que vazou a quebra de sigilo telemático do meu ajudante de ordens, que é um crime o que esse cara fez. O que esse cara fez é um crime. Meu ajudante de ordens é um cara de confiança meu", destacou. "Ele vê as contas particulares da primeira-dama e fala 'ó, movimentações atípicas'. Alexandre de Moraes, mostre o valor das movimentações, tenha caráter. Deixar bem claro, Alexandre de Moraes, a minha esposa não tem escritório de advocacia, mostre a verdade. Você está ajudando a enterrar o Brasil por questão pessoal, não sei qual, mas é pessoal", emendou, aos gritos.

Bolsonaro insistiu haver interesse de Moraes que Lula seja eleito, para tirá-lo do poder e empossar o vice da chapa, Geraldo Alckmin (PSB). "Qual o nosso futuro? Ser uma república? Não sou refém de ninguém. Por que muitos preferem o Lula, alguns do Supremo? Porque vai ser mandado, vai ter rabo preso. Quer vontade, né, de cassar o Lula assim que ele chegar, para o Alckmin, amigo íntimo de Alexandre de Moraes, assumir o governo. E mentira o que eu estou falando?"

Candidatos citam feitos

» HENRIQUE LESSA
» GABRIELA ORNELAS

No recomeço da propaganda eleitoral em rádio e tevê, os candidatos ao Planalto, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL), optaram por um tom mais moderado. Enquanto o petista se dirigiu ao público evangélico, o chefe do Executivo comemorou a eleição do Congresso mais conservador e fez acenos aos eleitores do adversário, na expectativa de uma virada de votos.

A campanha petista reforçou o respeito de Lula à religião e às famílias. "Quando presidente, sancionei leis como a da liberdade religiosa, a criação do Dia Nacional do Evangélico e a do Dia Nacional da Marcha para Jesus", disse o presidencial.

A propaganda do ex-presidente também destacou os apoios Simone Tebet (MDB) e Ciro Gomes (PDT), terceiro e quarto colocados, respectivamente, das eleições.

Mesmo apostando no tom moderado, Lula não deixou de questionar pontos sensíveis do governo Bolsonaro. "O atual presidente foi um desastre na economia, debochou da pandemia da covid-19 e trouxe a fome de volta", apontou o petista.

O chefe do Executivo, por sua vez, comemorou a eleição de uma bancada mais afinada com as pautas dele. "Terá uma harmonia entre o Poder Legislativo e o presidente da República", destacou, antes de apresentar falas de governadores eleitos em apoio à campanha, como Cláudio Castro (PL-RJ), Ibaneis Rocha (MDB-DF) e Hatinho Junior (PSB-PR).

No aceno aos eleitores do petista no primeiro turno, frisou que pretende seguir concedendo títulos de terra para todos os assentados. E, na tentativa de reduzir a rejeição entre as mulheres, apresentou um projeto de creches noturnas.

Na avaliação do cientista político André Rosa, os mais necessitados e o público feminino devem ser um dos focos de Bolsonaro neste segundo turno. "O candidato do PL deve focar no 13º do Auxílio Brasil e nas mulheres", afirmou.

Para a cientista política Luciana Santana, o programa eleitoral mostra algo que deve ser a tônica no segundo turno na estratégia petista: "Pegar os pontos críticos da gestão Bolsonaro e levar isso para a propaganda. De mostrar, de publicizar e até rememorar os aspectos negativos", disse.

» Fusão de Pros e Solidariedade

Os partidos Solidariedade e Pros anunciarão, ontem, que vão se unir para formação de uma única legenda. Ambos fazem parte do grupo de seis partidos que elegeram, neste ano, menos deputados federais do que em 2018, não atingiram a chamada cláusula de barreira e, por isso, correm o risco de perder acesso aos recursos públicos que financiam suas atividades. Cinco deles conversavam sobre fusão. "Nós decidimos hoje (ontem) essa união, e todos os detalhes, as convenções, vamos decidir na próxima semana", afirmou o deputado Pautinho da Força (SP), presidente do Solidariedade, que também não se reelegerá. Ainda não foi definido se os partidos manterão um dos nomes ou se vão adotar um novo. A tendência, segundo lideranças envolvidas, é que seja mantido o nome do Solidariedade.

Presidente cogita ampliar vagas no Supremo

O presidente Jair Bolsonaro (PL) não descarta a possibilidade de, caso reeleito, discutir em um eventual próximo mandato proposta de aumento no número de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). Essa medida não seria inédita no cenário político. Durante a ditadura militar (1964-1985), por meio do Ato Institucional nº 02 (AI-2), de 27 de outubro de 1965, a quantidade de ministros da Corte passou de 11 para 16, acréscimo mantido pela Constituição de 24 de janeiro de 1967.

"Já chegou essa proposta para mim e eu falei que só discuto depois das eleições. Eu acho que o Supremo exerce um ativismo judicial que é ruim para o Brasil todo", disse o presidente em entrevista à revista *Veja*. "O próprio Alexandre de Moraes instaura, ignora Ministério Público, ouve, investiga e condena. Nós temos aqui uma pessoa dentro do Supremo que tem todos os sintomas de um ditador. Eu fico imaginando o Alexandre de Moraes

na minha cadeia. Como é que estaria o Brasil hoje em dia?"

Ainda durante a ditadura militar, com base no Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, foram aposentados, em 16 de janeiro de 1969, três ministros do STF. De 1º de fevereiro de 1969, restabeleceu o número de 11 ministros da Corte, acarretando o não preenchimento das vagas que surgiram até que fosse atendida essa determinação.

Durante o regime militar, a Corte nunca deixou de funcionar, mas o STF teve o seu poder de atuação enfraquecido. "Apesar da pressão constante dos militares sobre a Corte — inclusive na nomeação de novos ministros —, não era interessante ao regime chegar ao ponto de fechá-lo porque isso configuraria a ditadura na sua forma mais primitiva. Por isso, o Supremo permaneceu aberto, mas sob a extrema ingerência dos militares", mostra publicação no próprio site do STF. Bolsonaro indicou dois

Reprodução/Pro/Tab



Em live com Bia Kicis, Bolsonaro fez chamado a religiosos

ministros ao Supremo durante o seu mandato como presidente. André Mendonça e Kassio Nunes Marques assumiram as vagas de Marco Aurélio Mello e Celso de Mello, que se

apostaram. Durante o próximo mandato presidencial, mais duas vagas serão abertas. Rosa Weber e Ricardo Lewandowski, indicados em governos petistas, se aposentaram.

Evangélicos

Durante transmissão ao vivo nas redes sociais, ontem, Bolsonaro disse que cristãos precisam falar de política hoje para "poder falar de Deus amanhã". Os evangélicos são uma das principais bases eleitorais do chefe do Executivo, mas ele encontra mais resistência entre os católicos.

Nos últimos dias, a campanha do candidato à reeleição começou a temer que ele perca votos do segmento religioso por causa de um vídeo que viralizou nas redes sociais com imagens antigas de Bolsonaro em uma loja da maçonaria. "Cristãos, falem de política hoje para poder falar de Deus amanhã", declarou o presidente durante a live, feita em Belém, ao lado da deputada Bia Kicis (PL-DF). A parlamentar, por sua vez, afirmou que padres estão fazendo campanha para Bolsonaro no Pará. A live também contou com a participação dos deputados Joaquim Passarinho (PL-PA) e Carla Zambelli (PL-SP).

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política **Página:** 2 e 3